

## APERFEIÇOAMENTO

# Curso de orientação, seleção e readaptação profissional

EMILIO MIRA Y LOPEZ

## Súmula 16

(Continuação do tema da súmula 15)

BATERIA DE PROVA EMPREGADA PELO INSTITUTO PSICO-TÉCNICO DE CATALUNHA PARA EXAME DO RENDIMENTO INTELLECTUAL COM DADOS ABSTRATOS

A capacidade de estabelecer conexões de sentido entre símbolos, isto é, entre dados respectivos de essências significativas, pode ser considerada como uma das propriedades mais especificamente humanas, já que está por demais provado que os animais são capazes de estabelecer conexões associativas entre sinais (graças a um processo de condicionamento reflexo do 2.º grau).

Para o estabelecimento de um símbolo, é necessária, evidentemente, uma operação de *abstração*, que consiste, segundo demonstrou W. Stern, em extrair (o que, por sua vez, supõe optar e isolar) uma característica comum e *substancial* (não, portanto, diretamente fenomênica ou aparente, mas *sob-estante* ou *sob-estado*) de um conjunto, aparentemente de di erso, de sinais ou dados significativos.

Uma vez obtida essa característica e representada por um elemento psíquico convencional (palavra, imagem, gesto, etc.) é que se pode estabelecer relações de sentido entre esses diversos símbolos. Isto equivale a dizer que se põe em marcha o chamado pensamento conceptual ou universal que é, por outro lado, o pensamento científico. Esse pensamento, orientado pela lógica, (ou melhor, em virtude de razões lógicas) é o que nos permite converter as "verdades de fato" em "verdades necessárias". Enquanto que no mundo concreto as coisas ou fenômenos *estão* ou *acontecem*, isto é, *ocorrem*, no mundo abstrato *são* e se interrelacionam *inexoravelmente*, porque *têm que ser assim*, isto é, porque há leis imutáveis que os determinam, essencialmente e em seu curso existencial.

(Desgraçadamente, está privado ao homem o dom da abstração absoluta, pois que, se o tivesse, saberia tanto quanto Deus, e conheceria todos os segredos da Natureza; não há dúvida, entretanto, que, no caminho da perfeição, pretende a aumentar o seu poder de abstração).

Disto deriva que tôdas as provas propostas para a investigação da atividade de abstração implicam o uso simultâneo de outras funções pessoais e estas podem mascarar a avaliação do rendimento, segundo o qual seja sua intervenção em face de cada prova. A seguinte enumeração de provas, seleccionadas e usadas em Barcelona e em Montevidéu, compreende, inicialmente, o material usado por Cyril Burt, professor de Psicologia da Universidade de Londres, com o fim de explorar a inteligência lógico-indutiva e lógico-dedutiva. A essas provas se acrescentaram ou suprimiram algumas, de sorte que a bateria teve que ser objeto de uma nova tabulação.

## A) Prova de raciocínio lógico

Consta de 20 itens, nos quais se pede ao sujeito que descubra a explicação causal dos fatos que nêles se rela-

tam. Isto supõe, evidentemente, um processo de abstração categorial. Para acelerar seu desenvolvimento e uniformizar as condições de experimentação, não obstante, dá-se-lhe a explicação correta entre várias que o podem parecer; com isto se introduz um elemento de hierarquização ou juízo comparativo (seletivo) do "grau de razão causal" que, em parte, desfigura o propósito inicial da prova, porém a torna mais facilmente valorizável.

## B) Prova de analogias

Construída à base dos pares conceptuais (o segundo por completar) e vulgarmente conhecida pelo qualificativo de "Three words test", não requer maiores comentários.

## C) Prova de interências genealógicas

Adotamos o texto de Cyril Burt, porém não estamos satisfeitos com os resultados obtidos. De fato, é a prova que apresenta u'a menor intercorrelação e uma pior distribuição da bateria. Por isso, cremos preferível utilizar, daqui por diante, a técnica de Fr. Giese, que consiste em apresentar diversos textos científicos e filosóficos, assim como outros de tipo profano (empírico-vulgar) e pedir ao sujeito que *esquematize* as relações causais (de sentido) de seus conteúdos, estabelecendo-se, por assim dizer, o mapa *genealógico conceptual* dos mesmos.

## D) Prova da transposição de sinais (deciframento de chave ou "idioma desconhecido")

Seguimos o texto de Cyril Burt. Apesar de implicar um processo de abstração visual (de elementos lineares em configurações muito simples), que pode depender de fatores marginais (visuais-sensoriais) da excelente correlação com sua alternativa, é constante e válida, a julgar pelos resultados obtidos, operando com a técnica dos "casos extremos".

## E) Prova das letras e dos números padrões

Desdobrada na bateria original, pode reduzir-se a uma só forma, dando a primeira metade dos quadros com letras e a segunda com números. Dêste modo, ganha-se tempo (já que se trata de uma tarefa monótona e que oferece variações de rendimento individual muito escassa) para a prova seguinte.

## F) Prova de "agrupamento de objetos por características comuns"

Consideramos esta prova, pouco conhecida, como um excelente reativo, cujo emprêgo se deveria divulgar, com a finalidade que agora se aponta, ou seja, pôr em relêvo o grau de abstração e de globalização significativa alcançada pelo sujeito, operando com materiais heterogêneos.

A prova consiste em apresentar sobre u'a mesa 20 objetos diversos e dar ao sujeito meia hora para que faça com êles o maior número possível de grupos os mais extensos possíveis, de acôrdo com propriedades ou características, isto é, "atributos" comuns. O resultado obtido variará de acôrdo não somente com o número total de grupos, mas também, com o número de objetos incluídos em cada grupo. Eis a lista dos 20 objetos preferíveis, quando

se trata de exploração com fins de origem de orientação profissional.

- 1 relógio de bolso
- 2 carretel de linha
- 3 canivete
- 4 lentes
- 5 um pêso de 100 gr
- 6 uma rosa
- 7 um inseto dissecado sobre um cartão
- 8 um caderno de notas, em branco
- 9 um martelo
- 10 uma pequena roda dentada
- 11 um tórno pequeno
- 12 um termômetro
- 13 um lenço
- 14 um dente
- 15 um saleiro pequeno
- 16 uma boneca de pano
- 17 um vaso com água
- 18 um dicionário
- 19 uma colher
- 20 uma maçã.

O sujeito deve ir englobando os objetos agrupados em chaves (ou, se preferir, em quadrados) fora das quais escreverá o atributo comum que define esse grupo. Em primeiro lugar, se diferenciam os agrupamentos puramente físicos (de forma, tamanho, pêso, côr. dureza, etc.); depois, os agrupamentos de uso ou utilidade; depois, os de substância; depois os de valor.

Deixando de lado que não se trata de uma simples "prova de combinação", como se poderia supor, mas de uma prova real de "abstração", podemos com ela, até certo ponto obter o indicio de qual é o domínio do mundo objetivo que oferece maior interesse ou estímulo para o sujeito, já que este propende sempre a realizar agrupamentos preferenciais, com algumas classes de objetos, deixando os outros, em geral, sem atender.

Esta prova foi por nós aplicada em um grupo de indivíduos de elite (20 professores universitários e 50 docentes e profissionais de destaque no campo das ciências puras e aplicadas) e proporcionou um escore médio triplo do que foi conseguido por um grupo de indivíduos de u'a amostra normal.

Isto nos demonstra sua sensibilidade, já que com as provas correntes de nível mental, como se sabe, teríamos conseguido um valor diferencial, quando muito, de 50%. De outro lado, o valor da preparação profissional se destacou, imediatamente, não somente na freqüência de inclusão de certas preferências (eleitas como base para os agrupamentos) mas, até no tipo de atributos escolhidos de preferência para estabelecer os diversos agrupamentos.

#### LEITURAS RECOMENDADAS

As mesmas da súmula anterior.

*Apêndice* — (Para ilustrar a dificuldade de discriminar a orientação profissional que convém a um sujeito, de acôrdo com seu nível mental, expresso em termos de Q.I., transcreve-se o seguinte quadro percentual de distribuição da inteligência em famílias com ocupação profissional, tomado de Haggerty y Nash. Mental capacity of Children and paternal occupation).

HAGGERTY Q.I.	NÃO QUALIFICADOS	CAMPONESES	SEMI- QUALIFICADOS	QUALIFICADOS	NEGÓCIOS BUROCRACIA	PROFISSÕES LIBERAIS
140 ou mais.....	0.40	0.87	1.15	1.94	3.04	11.75
130 — 139.....	1.07	1.61	2.67	3.50	6.78	14.04
120 — 129.....	3.22	4.04	4.20	7.59	17.19	17.48
110 — 119.....	9.66	9.36	10.31	13.71	17.16	20.63
100 — 109.....	12.35	15.88	20.80	19.74	19.92	19.19
90 — 99.....	20.81	23.33	22.90	23.63	17.16	10.88
80 — 89.....	19.86	22.56	20.33	17.41	11.55	5.44
70 — 79.....	18.66	14.72	12.59	8.27	5.08	0.57
60 — 69.....	10.34	6	4.19	3.59	2.01	0.00
50 — 59.....	3.36	1.93	0.95	0.58	0.01	0.00

\*

Os Planos econômicos que não são baseados num correspondente plano financeiro não passam, em noventa por cento dos casos, de mera literatura. E quando se tenta executar o plano com meios insuficientes e improvisados, talvez seja pior pois conduz, via de regra, a sérias perturbações financeiras e monetárias, enfraquecendo, no fim de contas, em vez de reforçar a economia do país. Richard Lewinshon — Revista do Serviço Público, número de maio de 1950.

\*\*

A noção, *verbi gratia*, de que as finanças não têm por objeto o dinheiro considerado em si mesmo, precisa ser suficientemente difundida para efeito dessa indeclinável compreensão. Atribuiu-se aos mercantilistas o vêzo de confundir dinheiro com riqueza. Esse equívoco de tal sorte propagou-se que ainda agora subsiste a tendência de emprestar-se aos aspectos financeiros do orçamento exagerada importância, quase uma preeminência, em detrimento, é óbvio, dos demais aspectos orçamentários, nomeadamente dos econômicos e administrativos. São bem raros ainda os autores que vem se colocando em antagonismo a essa tendência e consequentemente se colocando em posição capaz de atrair a atenção e o interesse dos estudiosos. José V. O. Martins — Revista do Serviço Público, número de maio de 1950.